

FESTIVAL DE PARINTINS - NARRATIVAS, IDENTIDADES E MEMÓRIAS

Djane da Silva Sena¹

João Gustavo Kienen²

RESUMO

O Festival de Parintins é um festejo popular onde os Bois Garantido e Caprichoso duelam num grande espetáculo a céu aberto no meio da floresta amazônica. Na arena denominada bumbódromo, personagens e elementos imaginários, oriundos das lendas amazônicas e rituais indígenas, atuam com fio condutor do espetáculo que hoje é a maior manifestação popular do Norte do Brasil e que acontece no último final de semana de junho. Tendo como ponto de partida minhas lembranças de infância, histórias que minha avó contava, este trabalho tem como objetivo principal problematizar os bastidores do Festival usando como recorte temporal, o estudo das transformações no período de 2017 a 2023 pela perspectiva dos que constroem o Festival, mas não aparecem. Fazendo uso das histórias de minha avó como fio condutor, construímos um instrumental de análise na construção das narrativas que são encenadas no bumbódromo. Para entendermos a dinâmica e a evolução dessa manifestação popular, recorreremos as bases teóricas e conceituais dos fundamentos da Etnocologia de Armino Bião, Cherisf Kasnadar e Jean Marie Pradier. Para dialogar sobre o Festival de Parintins a partir dos estudos culturais, usamos os conceitos de Babha, Burke, Hall e Canclini. Como suporte metodológico, utilizamos a pesquisa qualitativa participante, além da análise semiótica para mapear a semiosfera do festival de Parintins com seus sistemas e subsistemas. Sobre os personagens principais e secundários desse processo, garantimos seu local de fala utilizando entrevistas abertas, adotando o método da observação participante.

Palavras-chave: Semiótica; Etnocologia; Boi-bumbá; Parintins; Cultura popular.

1. Introdução

A história da arte em Parintins adquire personalidade própria, moldada pela natureza que circunda a cidade, banhada pelo majestoso Rio Amazonas, nascido ele próprio de uma lenda Tupi repassada através das gerações. Minha bisavó contou para minha avó que me contou, a lenda do sol e da lua e como eles eram apaixonados, mas algo os impedia. Ela, dona da noite. Ele, dono do dia. Dessa impossível mistura, o inesperado: o choro fez escavar na terra, emergindo vales e serras. Entre eles, um curso

¹ Universidade Federal do Amazonas. Email: lisblanc_am@hotmail.com

² Universidade Federal do Amazonas. Email: gustavokienen@ufam.edu.br

de água: nascia o rio Amazonas. Ayakamaé, que em tupi, é a junção das palavras *aya* (rio) e *kamaé* (amor).

No contexto do boi-bumbá amazônico, tal como em um teatro, assistimos a uma epopeia cabocla numa grande semiose linguística, cultural, mítica e histórica. Personagens e elementos imaginários oriundos das lendas amazônicas e rituais indígenas que atuam como fontes de ligação e origem, através da encenação poética da linguagem. É na formação deste território plural que se condensam sujeitos e histórias que de certa forma mantêm um elo com todo o povo amazônico e a sua história, sustentado por um grande universo semiótico, numa tradição que atravessou o século XXI. Tradição. A etimologia da palavra tradição vem do latim *traditio*, um derivado de *tradere*, “entregar, passar adiante”. Este verbo participio deriva de *trans-*, “além, adiante”, mais *dare*, “dar, entregar”. Entrega. Não consigo encontrar palavra melhor para definir minha pesquisa: A entrega de uma cultura para o mundo.

Segundo Gilberto Freyre (2006), a figura do boi, aparece primeiramente nos engenhos de açúcar do nordeste quando este animal é trazido para auxiliar no desenvolvimento da agricultura e da pecuária do Brasil Colônia. Na lógica que operacionalizava sobre o cotidiano das fazendas era o boi, o animal que acabava convivendo com os escravos e assim criando com este uma relação quase que simbiótica de troca tanto na parceria de trabalho, pois o boi e o homem escravo eram submetidos a enormes jornadas de trabalho e sofrimento, e nas trocas iminentes e do devir.

Para além das significações pessoais, existem os elementos simbólicos que acabam se adentrando nas festas de boi, como personagens representativos da região em que se apresenta, a escolha de cores específicas que fazem alusão a algum santo do catolicismo, ou nos casos mais comuns onde o sincretismo é quem opera na parte religiosa das festas, as cores dos bois têm a ver com orixás e deuses aos quais os bois são ofertados. O boi, nessas festas, acaba sendo então o expressar dos elementos, desejos e vontades do homem, do povo parintinense. Não mais folclore, mas existência e história. E esta é a história da minha gente.

O caminho que me trouxe até esta pesquisa começou há muito tempo, com minha avó brincando com o Boi Garantido pelas ruas da baixa do São José, bairro tradicional de Parintins. Nascida em 1913, suposto ano de criação do Boi Garantido, ela chegou a acompanhar a saída tradicional do Boi Garantido pelas ruas de Parintins quando menina.

Em 1933, ela se casou e veio morar em Manaus, trazendo em seu peito o amor que como diz a toada: “Garantido meu brinquedo de infância, para sempre vou te amar.”³

O boi-bumbá amazônico, nascido da promessa a São João Batista, o santo católico, tem raízes profundas na religiosidade de matrizes africanas, também elas reinventadas na Amazônia, além de trazer marcas cruciais da presença negra na sua musicalidade. A partir disso, e do desenvolver das manifestações culturais populares, das relações de poder, das influências e confluências que o encontro das culturas indígenas, europeias e negras (me refiro as tais no plural, pois considero que cada povo possui muitas culturas) proporcionou, a nível de Brasil, a figura do boi como sabemos, foi tomada como símbolo principal de diversos folguedos e brincadeiras primeiramente no Nordeste e que depois acabariam se espalhando por todo Brasil.

Presente em diversas regiões do país, o eixo propulsor do folguedo se desenvolve, a partir do auto do boi, que nos conta a história de Mãe Catirina, grávida, esposa de Pai Francisco, trabalhador da fazenda, que pede ao marido que mate o boi de estimação do patrão para satisfazer seu desejo de comer a língua do boi. O patrão, o amo do boi, descobre e começa-se uma saga para ressuscitar o boi preferido, brinquedo de estimação da sua filha, a sinhazinha da fazenda. Chamam o Padre, Dr. da Vida⁴ e um pajé. O pajé faz uma pajelança e boi levanta e todos comemoram.

Em Parintins, além de se desenvolver processos altamente criativos, construiu-se um sistema cultural singular. Uma cultura formadora da identidade amazônica. Uma cultura que vibra em duas cores: uma estrela azul e um coração vermelho. O Boi Garantido que carrega um coração na testa, representado pela cor vermelha, e o Boi Caprichoso que traz em sua testa uma estrela, representado pela cor azul, se enfrentam na arena denominada de Bumbódromo⁵, onde desfilam as figuras saídas do imaginário caboclo.

Nossa proposta neste artigo é examinar o Festival de Parintins como um fenômeno cultural que reflete e influencia a identidade amazônica, destacando o papel das narrativas, identidades e memórias. Pretendemos contextualizar essas influências e de que forma elas contribuíram para o Festival, tendo como recorte temporal o período de 2017 a 2023, especialmente nos anos 2022 e 2023, período de minha pesquisa de campo

³ Trecho da toada “Eterno Campeão” de Emerson Faria Maia.

⁴ Uma espécie de boticário.

⁵ Centro Cultural Amazonino Mendes. Espécie de teatro ao ar livre construído em 1989, cujo formato se assemelha a cabeça de um boi, especialmente para abrigar as disputas entre o Boi Garantido e o Boi Caprichoso, que acontece todos os anos no mês de junho.

do mestrado. Fazendo uso dessas percepções sobre as principais tradições e inovações presentes nas apresentações do festival, pretendemos responder a questão: Qual é o papel do Festival de Parintins como fenômeno cultural na construção e influência da identidade amazônica? Como essas performances teatrais e as representações simbólicas do festival contribuem para a construção e manutenção da identidade cultural da região amazônica e para a promoção do diálogo intercultural no Brasil? Com base em minhas observações preliminares, percebeu-se que as performances teatrais do Festival de Parintins desempenham um papel fundamental na afirmação e renovação da identidade cultural amazônica, ao mesmo tempo em que proporcionam um espaço de encontro e intercâmbio entre diferentes grupos e comunidades.

O mergulho nessas discussões se torna um modo de explicitar as trajetórias dos agentes responsáveis pela construção do espetáculo a fim de provar que o festival de Parintins não é apenas um produto da indústria cultural, mas também contribuinte das culturas populares. Deste modo, pretendemos como objetivo principal, problematizar os bastidores do Festival. Ao dar voz para os agentes culturais que assim como minha avó, foram e são, parte integrante e importante da manutenção deste espetáculo, pretendemos através deste trabalho, contribuir para as pesquisas no campo das Culturas Populares sobre o Festival de Parintins.

Segundo o que preconiza (Haesbaert, 2009, p. 393-419), caberia aprender com vivências, imaginações, significados e representações que estavam implicadas nas práticas socioculturais, em mútuo engendramento com os componentes ecoambientais e os condicionantes sócio-históricos. Toda tarefa requer um modo de fazer, um caminho a seguir, uma forma de abordar o objeto, em outras palavras, uma metodologia. A etimologia do termo metodologia remonta ao francês *méthodologie*, derivado de método, do latim, *methodus* e este do grego, *métodos*, de *meta-* e *hodós*, que significa via, caminho, para alcançar um fim determinado, no sentido de investigação científica (Da Cunha, 1986, p. 517). Assim, tentarei construir uma proposta metodológica, desenhar um caminho, um mapa exploratório, que possa ser percorrido depois por outros pesquisadores com propósitos semelhantes.

Minha avó se foi em 2012. Ela que tinha remédio para tudo, não me ensinou nenhum remédio para lidar com sua partida aos 99 anos. Não me viu entrar na universidade federal, nem pôde estar no meu baile de formatura, tampouco, estará no dia da minha defesa de doutorado. Mas ele está sempre lá. O Boi Garantido. Por isso, escrever sobre sua história, sua gente, sua cultura, foi a forma que encontrei de mantê-la viva perto de mim. Para chegar

ao nosso objetivo geral, usaremos mais uma vez, as histórias de minha avó, como teoria e método, e as minhas próprias histórias agora como artista do Boi Garantido (figura 01), para produção de conhecimento, e assim chegar ao objetivo geral que é contextualizar e destacar o papel das narrativas, identidades e memórias presentes no Festival de Parintins.

Figura 1 - Figurino A cabocla de barro por Djane Senna e equipe



Fonte: foto: Daniel Brandão, 2023.

Como objetivos específicos, pretendo analisar as características e elementos teatrais presentes nas performances do Festival de Parintins. Investigar as conexões entre as representações simbólicas do festival. Avaliar o impacto do Festival de Parintins como espaço de encontro e intercâmbio cultural, analisando como as performances teatrais promovem o diálogo entre diferentes grupos étnicos, sociais e regionais. Além de proporcionar uma reflexão crítica sobre as abordagens teóricas e metodológicas utilizadas na pesquisa, identificando lacunas e sugerindo possíveis direções para futuros estudos na área dos estudos culturais, podemos analisar a contribuição desses sistemas e seus personagens para a manutenção do Festival enquanto manifestação da cultura popular.

Para entendermos a dinâmica e a evolução dessa manifestação popular, recorreremos as bases teóricas e conceituais da Etnocologia. Afinal, o que é o Festival de Parintins senão tal qual a tradução de Pradier:

“(…) O que o gênio da humanidade inventou para celebrar os deuses e a natureza, chorar os mortos, glorificar os vivos, dar prazer, provocar angústias ou admiração, convencer, seduzir, festejar o amor, aplacar instancias invisíveis, solenizar os reencontros, rir, zombar, recitar, curar e que têm todas uma característica comum: a de associar estreitamente o corpo e o espírito num acontecimento social espetacular?”

Pradier, 1998 p. 18.

Para investigar essa contribuição, faremos uso dos fundamentos dos estudos culturais utilizando os conceitos de Burke, Hall, Babha e Canclini, que por sua vez abrem o campo da discussão sobre o Festival de Parintins na atualidade, para os quais usaremos os conceitos de identidade, hibridização cultural, lugar de significados e lugar de resistência, explorando o papel do Festival de Parintins como um espaço de diálogo intercultural e resistência cultural, promovendo a preservação e revitalização das tradições culturais da região amazônica. Utilizando os conceitos de espetacularização, exploramos a construção do espetáculo a partir das falas dos que constroem o espetáculo, mas são invisibilizados pela indústria cultural. Também identificamos os processos de transculturação, entre os valores culturais locais presentes atualmente e seu elo com o imaginário indígena e caboclo e como essas culturas foram incorporadas na cena do festival de Parintins.

Essa é uma possibilidade de compreensão desse complexo cultural chamado Festival de Parintins. Uma mistura de “gentes”, costumes. “Gente” extremamente “bairrista”, que olha os forasteiros com ar de superioridade independente de qual seja sua titulação acadêmica, cientes e confiantes em seu talento nato e que constroem o maior espetáculo da terra ao ar livre. Esse “bairrismo” nos lembra muito o que Hall definiu como as identidades culturais:

“As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei de origem sem problemas, transcendental (Hall, 1996 p. 70)”.

A reflexão acerca da invisibilidade de parte dos agentes culturais no Festival de Parintins é de urgente e extrema importância. Os bois de Parintins, Garantido e Caprichoso, estão enquadrados como Patrimônio Cultural Imaterial do Amazonas, conforme Decreto nº33.684 de 26 de junho de 2013, assinado pelo então governador do Estado, sr. Omar Aziz. Dentre as justificativas apresentadas, uma delas é que os bois são figuras da essência e importância do festival de Parintins, evento que movimenta milhões de reais na economia local. Na esfera federal, o festival de Parintins foi reconhecido como patrimônio cultural junto ao Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Constam do dossiê que embasou o processo de reconhecimento, diversas sugestões para a manutenção da memória dessa importante manifestação, entre elas, um centro de documentação e memória. O processo de reconhecimento segue para a Unesco, para fins de reconhecimento como Patrimônio da humanidade. Mas, qual a verdadeira importância do festival?

Para os agentes locais, a celebração continua tendo os significados lúdico, mítico, mágico e religioso, mas, desde a inauguração do bumbódromo e a entrada em cena da Coca Cola, também passaram a existir os interesses dos negócios. Para esses agentes externos o interesse é prioritariamente econômico, transformando o Festival em produto de consumo de escala global. Para a mídia e esses grupos econômicos, a cultura tradicional não deve ser apenas popular, mas popularizada, consumida por maior número de pessoas e espetacularmente exibida. Ou seja, quanto maior o seu consumo, melhor será o resultado e, portanto, a espetacularização é estratégia para o consumo desses produtos culturais. Os contratos dos artistas principais têm cláusula que os mantém a disposição dos patrocinadores durante os dias que antecedem o Festival e nos dias de Festival, numa rotina completamente exaustiva e insana.

Os estudos culturais abordam a noção de resistência cultural, destacando como os grupos subalternos resistem e contestam as formas dominantes de poder e controle cultural. No Festival de Parintins, vemos exemplos claros de resistência cultural, onde as comunidades locais se mobilizam para preservar e promover suas tradições culturais em um contexto de crescente globalização e homogeneização cultural. A Etnocologia nos permite examinar essas formas de resistência cultural, analisando como esses diferentes grupos se articulam e se organizam para proteger e revitalizar suas práticas culturais no contexto do festival

O festival em si e seus símbolos representam a memória coletiva da região Norte e não apenas do caboclo, como também do indígena, ao formar-se enquanto um território

simbólico de representações da cultura e um elo vivo com o passado. Patrimônio é a valorização de lugares e sujeitos perante a sociedade e a preservação do festival de Parintins é a manutenção da memória coletiva e da representatividade histórica temporal do evento. Pensar no Festival de Parintins é ligá-lo diretamente a uma memória coletiva e à história do lugar. O fazer histórico é um processo permanente, vivo, que diz respeito a todos. A narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que se vive hoje e o futuro que se deseja, e essa narrativa histórica apresenta um potencial valioso no desenvolvimento social. Contudo, é importante que se abra esse tipo de espaço para que as vozes desses invisíveis de todos que fazem parte deste processo, sejam ouvidas e conhecidas nos ambientes de poder, como a academia.

As inspirações e os motivos que me trouxeram até aqui, alguns ainda permanecem ocultos. Espero que me sejam revelados até o fim da pesquisa. Todo mundo ri quando falo que converso com gente morta, mas hoje não sinto mais medo. Levei muito tempo para entender quem tanto conversa comigo. Não ria. Há algo de muito mágico naquele lugar. Dizem que é o objeto de pesquisa que escolhe você e hoje tenho certeza disso. E eu me sinto muito lisonjeada por essa escolha, pois aprendi a respeitar e honrar a minha ancestralidade.

Essas histórias que eu gosto de contar são do antigamente. Mas o povo entendido deu de chamar isso de lenda. São essas histórias, nascedouros vivos das encantarias, que são cantadas e decantadas em verso e prosa no bumbódromo e que eu te convido para conhecer. Uma história moldada no mito que recriou e transfigurou a vida amazônica em realidade. Muito mais do que uma festa, são histórias de vida com vários legados. Por isso, eu convido você a ouvir a história do meu povo e conhecer a minha cultura. Eu te convido a viajar no encantado que habita a Ilha Tupinambarana, minha Parintins. A terra dos meus ancestrais.

2. Memórias de um festival: fragmentos da história

No final do século XIX, começava a história dos bois de Parintins, Garantido e Caprichoso. Tenório (2016, p. 66) nos informa que, nesta época, estabeleceu-se na cidade, o sr. Alexandre Silva, que comprou algumas terras de várzea na área do lago do Valente, há algumas horas acima de Parintins, onde passou a trabalhar com agricultura. Casou-se com uma mulher de ascendência negra e teve uma filha, a quem chamou de Alexandrina Silva, em sua própria homenagem. Alexandrina, mais conhecida por Xanda, seria a mãe

de Lindolfo Marinho da Silva, que entraria para a história como Lindolfo Monteverde, o fundador do Boi bumbá Garantido. Na mesma época, oriundo de Crato-CE, chegava a Parintins, o nordestino Roque Cid. Pedreiro com conhecimento autodidata em edificações. Pai de Nascimento Cid, Raimundo Cid (Mundico), Pedro Cid e Arthur Cid. Os irmãos Cid, com exceção de Mundico, seriam os fundadores do Boi Bumbá Caprichoso.

O boi-bumbá Garantido nasceu em 12 de junho de 1913, véspera de Santo Antônio, de uma promessa de Lindolfo Monteverde a São João Batista, quando este encontrava-se deveras enfermo: Caso vencesse a enfermidade, colocaria o boizinho todos os anos para brincar nos festejos de São João. O Boi Garantido é conhecido como “O boi do povão”, possui um coração vermelho na testa (figura 01) e defende as cores vermelha e branca. Foi 31 vezes campeão do Festival, e sagrou-se campeão no ano do centenário dos bumbás, em 2013.

Figura 2 - Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido, 2021



Fonte: Foto de Wigder Frota, 2021.

Segundo a folclorista Odinéia Andrade *apud* Valentim (1999. p. 132), o Boi Caprichoso surgiu em 20 de outubro de 1913, também de uma promessa feita, desta vez, pelos irmãos Cid: se tivessem sucesso na nova terra (Parintins), colocariam um boi para dançar nas festas de São João. O Boi Caprichoso é conhecido como diamante negro, (figura 02) em razão deste ser todo na cor preta - ou o Boi de Parintins e possui na testa uma estrela, mas as cores que predominam são o azul e o branco. Possui 23 títulos e sagrou-se campeão no ano do jubileu de ouro do festival em 2015.

Figura 3 - Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso, 2019



Fonte: Foto: Daniel Brandão, 2019

E, assim, ano após ano, os bois foram se reinventando e se recriando para a cada ano, apresentar um espetáculo diferente e inventivo. Artistas de alegorias são mestres na arte de criar alegorias de tirar o fôlego literalmente de suas respectivas torcidas. São três dias que Parintins vive sob os holofotes da mídia e de uma plateia externa ávida por saber o que os bois reservam para cada noite. Turistas de todas as partes do mundo e cobertura de imprensa do país e do exterior, mostram o crescente investimento financeiro para a organização do festival e para a produção artística dos bumbás, bem como na qualidade do que se exhibe. Isso mostra que o espetáculo é, de fato, grandioso, constituído por enormes alegorias, luxuosas fantasias e efeitos de luz e de som cada vez mais sofisticados. A magnitude do espetáculo, aliado ao lugar onde se realiza, são elementos relevantes nas manifestações de estranheza e espanto presentes em avaliações de parte da mídia sobre Parintins.

3. Viva a cultura popular.

Foi durante meus estudos sobre a temática do Festival que algo começou a me incomodar: Quem de fato pensa, prepara e executa o boi de arena, acaba não participando do espetáculo. Muitas regras são ditadas pelos patrocinadores do evento, que conta com participação massiva da população local para construção do espetáculo, talvez este seja o ponto que em que acreditamos que o processo de invisibilidade dos fazedores tem início. Neste contexto, essa categoria acaba fazendo parte das classes populares marginalizadas

ou subalternas, invisibilizadas em uma região rica em recursos naturais e na manifestação cultural construída por eles mesmos. Muitos acabam assistindo o Festival em casa, já que os ingressos são caros e a parte da plateia que é gratuita precisa enfrentar um dia inteiro na fila.

A engrenagem que pensa, prepara e executa o espetáculo de arena é de cerca de 6 mil trabalhadores em cada bumbá. Porém, a visibilidade maior é dos personagens do espetáculo. Todavia, existe um universo de personagens por trás disso tudo, entre eles: Artistas de ponta, artistas plásticos, pintores, desenhistas, escultores, soldados, eletricitistas, costureiras, aderecistas, coreógrafos, empurradores de alegoria.

Em meu primeiro ano como figurinista, os artistas do Boi Garantido ganharam credencial nível D. Porém além de artista, eu fazia parte do projeto financeiro, então recebi credencial nível A, nível da diretoria. Todos os artistas só podem estar na arena no dia que sua obra será exibida. E nos dias seguintes, ele não ganha ingresso e nem camisa para entrar na arena. Os trabalhadores do galpão de fantasia também não ganham nada, além do pouco pagamento. Com o exaustivo trabalho dos dias que antecedem o festival, muitos acabando assistindo de casa para descansar. Já no Boi Caprichoso, os artistas de ponta responsáveis pelas alegorias ganham camisa para os 03 dias de espetáculo, além das credenciais nível A.

Muitos moradores de Manaus, Santarém, Juruti interpretam os personagens principais, com isso, muitos brincantes de Parintins são excluídos sob a égide do “profissionalismo”. Sendo assim, afinal, o que fica para a população parintinense? Quem de fato desenvolve o Festival folclórico de Parintins? De que forma esses invisibilizados participam? Como as relações entre os sistemas culturais no festival de Parintins contribuem para o Festival como é hoje? O mergulho nessas discussões se torna um modo de explicitar as trajetórias dos agentes responsáveis pela construção do espetáculo a fim de provar que o festival de Parintins não é apenas um produto da indústria cultural, mas também contribuinte das culturas populares. Ao dar voz para os agentes culturais que assim como minha avó, foram e são, parte integrante e importante da manutenção deste espetáculo, pretendemos através deste trabalho, contribuir para as pesquisas no campo das Culturas Populares sobre o Festival de Parintins.

Aprender que pesquisa é reflexão, mas também é um processo de autoconhecimento, relação, construção de afetos, um processo gestacional. Por isso, nosso ponto de partida para esta dissertação foi a pesquisa qualitativa participante a partir de arquivos pessoais que mantenho desde 2016 quando iniciei meus estudos sobre essa

temática. Também analisamos documentos institucionais a partir dos acervos das instituições Boi Garantido e Boi Caprichoso, além de matérias em jornais, correspondências, além de produção intelectual de pesquisadores também ligados ao tema. Através desse material, utilizei a análise semiótica para mapear a semiosfera do festival de Parintins com seus sistemas e subsistemas.

Abordar semioticamente os bastidores do processo criativo no Festival de Parintins, me permitiu compreender a semiose entre os sistemas de signos identificados e a identificar os personagens principais e secundários desse processo, sobre os quais aplicamos o método da observação participante, através da imersão na qual, onde enquanto como autora me coloquei simultaneamente, tanto como observadora dos bastidores e sujeito atuante nos mesmos, como artista de ponta do Boi Garantido. Apesar de frequentadora assídua do festival como torcedora, era a primeira vez que iria à cidade com o objetivo de conhecer seu contexto, através de uma observação participante e livre. Foi um momento (vários, na verdade) em que me libertei de tudo para estar totalmente aberta, deixando-me impregnar de informações, coletando, provisoriamente, indícios relevantes ao objetivo geral desta pesquisa.

Minha avó conquistou meu coração para o boi Garantido em 1983, mas somente em 1994 tive a oportunidade de conhecer o Festival pessoalmente. Era ali, tão somente uma aprendiz, sem nenhuma experiência. Tudo era novo e eu basicamente apenas deixava meus olhos beber toda a beleza que passava diante deles. Nos dois anos seguintes fui sendo encantada mais e mais por tudo que via e a cada fim de junho eu tinha mais um ano de formação na universidade do folclore.⁶ Até então via a alegria das pessoas, o carisma dos itens, o poder do pessoal da galera⁷ e admirava a grandiosidade das alegorias. Veio 1997 e o Boi Garantido trouxe o tema Parintins para o mundo ver. Vi a encenação da luta dos cabanos contra os poderosos que exploravam pretos, caboclos, indígenas. A toada “tempos de cabanagem” traduzia o genocídio de proporções amazônicas (vivemos de novo nestes tempos sombrios).

⁶ Os Bois têm sua escolinha de artes, no entanto, por conta da rivalidade evita-se um nome igual. Por isso, o nome da escolinha de artes do boi Garantido é “Universidade do Folclore”.

⁷ Item nº19 segundo o regulamento do Festival Folclórico de Parintins.

Quando de repente sou sacudida pela Lenda Amazônica Mapinguari⁸: “*Surgiu da floresta o monstro maldito. Um bicho enviado por Jurupari...*” uma alegoria gigantesca que parecia um King Kong amazônico com uma boca na barriga representava o mitológico Mapinguari. Começou o enfrentamento dos índios da tribo comandados pelo Pajé e a Cunhã Poranga⁹ Valéria da Carbrás. Ninguém conseguia piscar, todos completamente em transe assistindo quase um “*pas-de-deux*¹⁰” em que a Cunhã Poranga girava em torno do Mapinguari. Com um arco, ela lançava flechas em direção à boca do ser mitológico. Lembro que um dos últimos pensamentos lógicos q me vieram a mente foi: Já pensou se esse macaco gigante tomba ferido pela flecha? Mal tive tempo de concluir o pensamento, e o imenso macaco começa a tombar em 3 ou 4 movimentos enquanto ouvia... “e o monstro estranho termina afogado, nas trevas do lago mal-assombrado”.

Um misto de êxtase, uma catarse, perplexa, eu só conseguia proferir muitos palavrões, olhando para o lado como que procurando outros que também tivessem visto o que eu vi, como uma forma de tentar entender o que tinha acontecido e se tinha acontecido mesmo. Foi um momento mágico! Parecia que tinha testemunhado um apocalipse, um “*ragnarok*¹¹”. O Mapinguari é uma entidade do imaginário indígena que se projetou entre os caboclos que vivem na floresta. Para índios e caboclos que vivem na floresta, o Mapinguari é um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo. Alguns índios acreditavam que ao atingirem uma idade mais avançada evoluiriam e transformar-se-iam em Mapinguari e passariam a habitar o interior das florestas passando a viver apenas no seu interior e sozinhos. Há também quem diga que seus pés têm o formato de uma mão de pilão.

O Mapinguari emite uns gritos semelhantes ao grito dado pelos caçadores. Os ribeirinhos amazônicos contam muitas histórias de grandes combates entre o Mapinguari e valentes caçadores. Trata-se de uma lenda que já foi tema de muitas reportagens e pesquisas de cientistas que tentaram encontrá-lo na floresta sem êxito. Para o cientista

⁸ As lendas escolhidas configuram como narrativas orais do imaginário amazônico e representam a diversidade cultural brasileira.

⁹ Cunhã Poranga significa moça bonita na língua Tupi.

¹⁰ Pas de Deux é um termo do ballet clássico que, em francês significa "Passo de dois". Como o próprio nome sugere, é um dueto de dança em que dois dançarinos, geralmente um homem e uma mulher, executam passos de ballet juntos. Também comum em espetáculos teatrais.

¹¹ Apocalipse na mitologia nórdica.

norte-americano David Oren, ex-diretor de pesquisa do Museu Goeldi, de Belém do Pará, a lenda do Mapinguari pode estar associada a possíveis contatos com remanescentes das preguiças gigantes que existiram na Amazônia.

Foi assim que o Boi Garantido me tocou a alma pela primeira vez. A primeira de muitas vezes que testemunhei a capacidade das criações parintinenses em proporcionar momentos inexplicavelmente emocionantes. Os artistas parecem ter um toque divino que bole com a nossa alma. Em Parintins, costumamos dizer que não é você que escolhe para qual boi você irá torcer, mas o Boi que escolhe você. Um exemplo disso, era que admirava demais o contrário¹². Minha avó inclusive vinha de uma família predominantemente azul. Com sua mudança para Manaus, ficou fácil converter seus descendentes para o Garantido. Lembro de sua cara de espanto quando mencionei a beleza do contrário. Ouso dizer que se não fosse a influência de minha avó, teria sido torcedora do contrário. Contudo, que bom que o Garantido me escolheu. E assim é o boi bumbá. Essa festa longeva que ocorre na Amazônia há várias gerações, marcada pelas mudanças do tempo e ressignificada em diversos aspectos de modo continuado.

4. Considerações finais

As histórias que minha avó contava continuam sendo as mesmas sendo sempre outras, renovadas e reinventadas de modo sistemático. Hoje, os bois de Parintins adotaram o discurso político para construir suas narrativas. As toadas com os mesmos gêneros discursivos tal qual o que o samba-enredo do Rio de Janeiro vem fazendo, mostram-se interessantes para estudos das áreas humanas e servem como registro histórico e cultural, como também valorizam as camadas desprivilegiadas da população, pois representam sua voz e refletem sua ideologia. Mas convivendo com tantos artistas invisibilizados nesse processo de construção, creio que isso fique muito mais no discurso do que na prática. Afinal, vivemos o jogo político e econômico.

No centro disso tudo está a floresta amazônica, palco e pauta central dos bois de Parintins. Assim como minha avó me ensinou, os povos indígenas também ensinam que há uma força sobrenatural que criou a terra e tudo que nela habita, os seres místicos, encantados, com seus mitos e lendas. Exploram outros modos de viver e fazem participar

¹² Termo associado para mencionar o outro boi. Um torcedor nunca menciona o “nome” da agremiação rival.

de uma sabedoria milenar: A sabedoria da floresta. Esse imaginário indígena reforça as histórias que cresci ouvindo e que todo amazônida ouve na infância. O mundo moderno não tem tempo para a ecologia espiritual assim como a cultura. Os povos indígenas inspiram e se preocupam em honrar as realidades do espaço sagrado em que vivemos. Atualmente muitos vivem com uma sensação de separação, isolamento, um sentimento de que deva existir um sentido maior na vida. O sonho em si aqui é um vernáculo de possíveis. Habita o âmago de uma vida sem fim, já na dimensão do sonhado há uma espécie de sobre/real. As culturas orais do ouvido são também as do tato e trânsito permanente entre o real, o sonho, o transe.

Os bois de Parintins reafirmam esse trânsito, do transe ao sonho e, as lutas da vida consciente sem uma separação de níveis, mas, uma dinâmica de um poro ao outro, em fluxos comunicantes. O transe e o sonho ambos têm, intuito de fazer perceber a grandeza do cosmo. Do transe ao sonho, o que importa é o fluxo entre eles, como parte da ampliação da consciência vívida. A consciência de que somos apenas um "microcosmo", que somos parte de "algo maior", filhos da Terra, filhos de uma Amazônia, onde um povo vermelho luta em poesia.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte/ Editora Universidade do Amazonas, 2002.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. São Paulo: Global, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. "A invenção das tradições." In: Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- Hall, Stuart. "Identidades Culturais na Pós-Modernidade", 1996.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*. 5ª edição. Manaus. Editora Valer. 2015.
- PRADIER, Jean-Jacques. "O Espetáculo no Mundo Ocidental: seus efeitos na sociedade, na cultura e no comportamento". 1998.
- TENÓRIO, Basílio. *A cultura do boi bumbá*. Parintins-AM: Editora e gráfica João XXIII, 2016.
- VALENTIN, Andreas. *Caprichoso, a terra é azul = The Amazon Music and dance festival*. Andreas Valentin, Paulo José Cunha. Rio de Janeiro. 1999